

FÊMEA-FÊNIX: À ESCUTA DA VOZ DO POEMA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THÁISSA GODOI DE SOUZA¹; DAIANE NEUMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – thaissagodoi@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma das análises linguístico-literárias da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*, da escritora Conceição Evaristo, realizada durante a vigência da bolsa de iniciação à pesquisa ofertada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Inserido nos projetos de pesquisa vinculados à UFPel “Émile Benveniste e uma abertura para uma antropologia histórica da linguagem”, “Retorno a Saussure: Releituras” e no grupo de pesquisa vinculado ao CNPq, “Linguística, Literatura e Arte”, este estudo busca escutar a significância que advém da simbolização da voz do poema *Fêmea-Fênix* por meio do ritmo.

De acordo com Benveniste (1989), a linguagem possibilita que os sujeitos simbolizem e atualizem suas experiências, coletivas e individuais, no mundo. A intersubjetividade como condição à subjetividade rompe com as distinções rígidas entre sujeito e sociedade, sujeito e linguagem, linguagem e sociedade. Seguindo a mesma proposição benvenistiana (1989, p. 222) de que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”, Meschonnic (2006) compreende que há uma relação intrínseca entre a rima e a vida.

Assim, a *escrevivência*, definida por Conceição Evaristo (2020 apud SANTOS, 2024, p. 147) como um processo importante na derrubada de estigmas sociais historicamente perpetuados sobre a população negra e, principalmente, negra-feminina, aproxima-se da concepção de linguagem aqui defendida, em que essa é tomada como interpretante e fundante dada a reestruturação das relações interpessoais e, portanto, da relação entre sujeito e sociedade, entre sujeito e cultura. Aqui, o poema ocupa o lugar de invenção, de criação que, ao mesmo tempo que é política, também é ética — sendo o estético englobado pelo ético —, em que se torna “esse espaço que valoriza os pedaços, (...) dá corpo a esses pedaços (EVARISTO, 2023 apud SANTOS, 2024, p. 146).

Ademais, a presente abordagem teórico-metodológica difere-se de outras abordagens literárias que concebem a *escrevivência* da autora como uma literatura que fala sobre racismo. Conforme Tenório (2024, p. 76), o racismo não teria valor estético e a literatura escrita por pessoas negras não deveria ser reduzida a ele.

À vista disso, ao conceber a linguagem como contínuo, Meschonnic (2006) conceitua o ritmo como a organização do corpo do sujeito na linguagem, de modo a não o limitar à metrificação. Segundo o linguista, poeta e tradutor francês (2007, p. 69), o ritmo, em um discurso, pode ter mais sentido que o sentido das palavras.

Então, via inconsciente linguístico do poema, vê-se a necessidade de escutar esse ritmo para, assim, compreender valores que emergem do discurso de maneira linear e não linear. Portanto, nesta análise linguístico-literária, busca-se responder: de que modo a experiência da voz do poema está simbolizada no poema *Fêmea-Fênix* por meio do ritmo? Como tal simbolização joga com a significância da obra como um todo?

2. METODOLOGIA

Este estudo tem caráter qualitativo e ampara-se na poética do discurso concebida por Meschonnic (2006). Conforme o linguista, poeta e tradutor francês (2006, p. 61), a poética é uma teoria do valor, fazendo referência às conceituações saussurianas de valor linguístico. A partir de tais proposições, que na língua os valores dos signos são determinados via oposições e negatividades no sistema (SAUSSURE, 2012), Meschonnic concebe que o valor no discurso depende também das relações opositivas com o todo. Portanto, a obra literária é tomada a partir da sua globalidade semântica, em que o valor das unidades e a organização do discurso por meio do ritmo dependem da cadeia discursiva.

Nessa perspectiva teórico-metodológica, conforme Neumann (2023, p. 153), todos os níveis linguísticos são importantes na análise do ritmo, bem como os grupos de acentuação sintática e de acentuação prosódica. Desse modo, da mesma forma que Saussure (2012) concebia os níveis de análise linguística como um todo indissociável por meio de relações sintagmáticas e associativas, que, respectivamente, dizem respeito à linearidade e à combinação dos signos ao constituírem a significância no discurso, Meschonnic (2006) também parte desse entendimento de linguagem como contínuo, não como fragmentação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como foco analisar a questão da simbolização da voz do poema de uma experiência fundada e atualizada pela linguagem, na leitura de *Fêmea-Fênix* percebe-se, via eixo sintagmático, que o poema trata da questão da mulher. Ademais, através do eixo associativo, o uso do hífen para criar unidades semânticas, tanto no título quanto ao longo do poema, sugere o valor de que a mulher é tomada como aquela que renasce, uma relação indissociável entre o ser mulher “eu-mulher” e o renascer “Fêmea-Fênix”.

Fêmea-Fênix

Para Léa Garcia

Navego-me eu-mulher e não temo,
sei da falsa maciez das águas
e quando o receio
me busca, não temo o medo,
sei que posso me deslizar
nas pedras e me sair ilesa,
com o corpo marcado pelo olor
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,
sei do inebriante calor da queima
e, quando o temor
me visita, não temo o receio,
sei que posso me lançar ao fogo
e da fogueira me sair inunda,
com o corpo ameigado pelo odor
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,
sei do cativante vazio da miragem,
e quando o pavor
em mim aloja, não temo o medo,
sei que posso me fundir ao só,
e em solo ressurgir inteira
com o corpo banhado pelo suor
da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,
na vital carícia de meu cio,
na cálida coragem de meu corpo,
no infindo laço da vida,
que jaz em mim
e renasce flor fecunda.
Vivifico-me eu-mulher.
Fêmea. Fênix. Eu fecundo.

(EVARISTO, 2021, p. 28-29)

Aliás, por mais que, à primeira vista, a criação semântica “eu-mulher” possa sugerir uma experiência individualizante, a dedicatória do poema “Para Léa Garcia” alarga as possibilidades de leitura. Ao dedicar o poema *Fêmea-Fênix* a uma mulher

negra — atriz brasileira de renome no cenário nacional — que, além da sua carreira, dedicou sua vida em prol da luta antirracista, a voz do poema demonstra que a experiência da mulher na sociedade, mais especificamente da mulher negra, não se limita a uma percepção individual, mas sim coletiva.

No que diz respeito ao ritmo do poema, percebe-se que esse se organiza de modo a sugerir uma lentidão rítmica através de uma versificação consideravelmente extensa por meio do uso de orações subordinadas e coordenadas sindéticas em quase todo o poema. Esse recurso utilizado no poema é explicado em Bakhtin (2019, p. 31), através da observação de que o uso dessa sintaxe gera uma perda da carga entonacional, tanto em cada uma das palavras, quanto no período todo. Em Dessons e Meschonnic (2003 apud NEUMANN, 2023), os autores atentam para o fato de que tais construções sintáticas tendem a construir um ritmo marcado por uma acentuação mais distribuída no poema — entre uma acentuação e outra, há um número maior de sílabas inacentuadas — o que sugere um ritmo “mais lento”, sem força acentual em boa parte do poema em questão.

Entretanto, na última estrofe, mais especificamente no último verso “Fêmea. Fênix. Eu fecundo.”, é perceptível o uso de orações coordenadas assindéticas marcadas pelo uso do ponto final, em que é sugerida uma carga rítmica maior. Em termos meschonnicianos, essa força rítmica é impulsionada pelo destaque que se dá aos significantes “Fêmea”, “Fênix” e “Fecundo”, em que a acentuação recai sobre esses três significantes — força acentual não observada no restante do poema, dado que o encadeamento das orações subordinadas e das coordenadas sindéticas sugere uma “distribuição” da acentuação maior a diferentes elementos do poema.

Mas, qual a importância desse ritmo na significância que advém do poema? Ora, é notório que as estrofes 1, 2 e 3 apresentam uma regularidade: o primeiro verso de cada estrofe termina com o sintagma “não temo”, em contrapartida, a última estrofe termina seu primeiro verso com o sintagma “teimo”. Assim, além da ruptura realizada na última estrofe via linearidade do dito, sem a repetição do sintagma “não temo” ao final do primeiro verso, essa estrofe em questão também rompe com o movimento rítmico mais lento presente no restante do poema.

Em consequência, da mesma forma que a voz do poema sugere o valor de que a mulher renasce por meio de um processo lento, a mulher também é impulsionada pela capacidade de gerar, criando um movimento cíclico entre o nascer, o morrer e o renascer. Essa sugestão de valor é fortificada ao se observar a recorrência do fonema [s] em posição de ataque no poema, em que temos a seguinte série associativa: “se”, “falsa”, “maciez”, “se”, “posso”, “sair”, “se”, “receio”, “se”, “posso”, “lançar”, “sair”, “se”, “posso”, “só”, “solo”, “ressurgir”, “suor”, “carícia”, “cio”, “laço” e “renasce”. Parece-nos, aqui, que a voz do poema, via inconsciente linguístico, conta-nos uma narrativa transversal que complementa a linearidade do dito, sugerindo o valor de que a mulher sai, recebe, ressurgir e renasce — ações que se desenrolam de forma cíclica.

À vista disso, ao longo de outras análises realizadas na obra, foi possível identificar que uma característica interessante dos poemas de Conceição Evaristo é a ruptura que a última estrofe faz com o restante do poema. Geralmente, essa ruptura traz um ar de renovação e de ressignificação. No poema em questão, a força rítmica no último verso, através da utilização de orações coordenadas marcadas pela utilização do ponto final e pelo destaque que se dá aos significantes “Fêmea”, “Fênix” e “Fecundo”, sugere o valor de que o processo de renascimento feminino ao mesmo passo que é lento (como sugere a “lentidão” do ritmo do poema), ele também é impulsionado por uma força e por uma luta, já que, conforme a epígrafe

que introduz a seção na qual o poema em questão faz parte, a mulher “[...] comporta em si a calma e o desespero” (EVARISTO, 2021, p. 21).

Por fim, ao final da análise, é possível responder as duas questões que nortearam este estudo: 1) de que modo a experiência da voz do poema está simbolizada no poema *Fêmea-Fênix* por meio do ritmo? Por meio de um ritmo “lento” ao longo de quase todo o poema, a voz do poema sugere que o processo de renascimento feminino é lento e calmo, ao mesmo passo que, via força rítmica marcada no último verso do poema, é impulsionado por uma possibilidade de gerar e de lutar; 2) como tal simbolização joga com a significância da obra como um todo? O movimento de ruptura da última estrofe com o restante do poema joga com a significância da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* como um todo, dado que essa característica é encontrada em outros poemas da coletânea, em que há, ao final, uma sugestão de ressignificação e possibilidade de renovação.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo, a partir da poética do discurso meschonniciana, permite com que sejam realizadas análises linguístico-literárias que levem em consideração 1) o fazer poético, sempre singular, de escritoras e de escritores negros; e 2) o como esse fazer é indissociável da vida, da sociedade, da cultura e da história. Aqui, conforme pontua Tenório (2024), o racismo não foi utilizado como valor estético, mas sim foi observado o modo como a voz do poema organiza e constitui a significância da linguagem.

Dessarte, por mais que mazelas sociais perpassem a *escrevivência* de Evaristo, seus poemas não devem ser reduzidos a meros decalques da sociedade e da realidade, mas antes como fundantes e interpretantes dessa sociedade por meio da simbolização da experiência da voz do poema. Além de ser estético, segundo Meschonnic (2007), o poema revela o estado político do sujeito do discurso, haja vista que a literatura é um lugar de ressignificação de experiências por meio da invenção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. — São Paulo: Editora 34, 2019.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. — Campinas, SP: Pontes, 1989.
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.
- MESCHONNIC, H. **Linguagem, ritmo e vida**. Extratos traduzidos por Cristiano Florentino. - Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006.
- MESCHONNIC, H. **La poética como crítica del sentido**. 1ª ed. — Buenos Aires: Marmo-Izquierdo Editores, 2007.
- NEUMANN, D. **Em busca de uma poética da voz**. 1. ed. — Campinas, SP: Pontes, 2023.
- SANTOS, Yasmin. **Conceição Evaristo: voz insubmissa**. - 1. ed. — Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.
- TENÓRIO, J. **Fraturas existenciais**. In: Revista E. São Paulo, v. 9, p. 75-77, mar, 2024. Disponível em: <https://issuu.com/sescsp/docs/revistae-03-2024-web>. Acesso em: 13/07/2025.